

A INFLUÊNCIA DA COSMOVISÃO CRISTÃ NA LITERATURA FICCIONAL

Lieza Maria Coelho Carpeggiani¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo evidenciar a influência da cosmovisão teísta bíblica na formação de autores cristãos, bem como na sua produção artística e cultural, com destaque para a literatura ficcional. A pesquisa busca demonstrar como essa cosmovisão permeia diversas obras de ficção, tanto seculares quanto cristãs, manifestando-se de maneira intencional ou implícita, ao expressar conceitos, princípios e valores teológico-bíblicos. O estudo argumenta que a literatura de ficção cristã possui potencial para atuar como instrumento de reflexão espiritual, moral e ética, ao abordar temas fundamentais como o bem e o mal, a realidade, a verdade e o belo, a partir de uma perspectiva teológica. Além disso, propõe que tal literatura possibilita uma interlocução entre a arte e a Bíblia, promovendo ponderações sobre questões existenciais à luz das Escrituras. Conclui-se que a cosmovisão teísta bíblica, ao influenciar a produção literária declaradamente cristã ou não, integra valores éticos e espirituais, sendo capaz de gerar reflexões significativas sobre a condição humana.

Palavras-chave: Cosmovisão. Bíblia. Literatura. Ficção. Ficção Cristã.

INTRODUÇÃO

A cultura está impregnada por cosmovisões, sendo sua propagadora, mantenedora e legitimadora, além de estar presente e influente nas relações sociais, no sistema de crenças, impulsionando escolhas e posicionamentos diante de questões essenciais da vida. Portanto, a cosmovisão influi na interpretação da realidade, nas respostas e nas reações manifestadas de forma consciente ou inconsciente (DOMINGUES, 2018, p. 20). Na década de 1970, James Sire propôs um conceito a respeito de visão de mundo, cosmovisão é “um conjunto de pressuposições (verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que se sustentam (consciente ou

¹ Mestranda em Teologia, linha de pesquisa Espiritualidade, Educação e Docência nos Processos Formativos (FABAPAR). Pós-graduada em Teologia e Literatura (Instituto Reformado São Paulo-IRSP). Pós-graduada em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FABAPAR). Graduada em Comunicação Social e Odontologia (ambas pela PUCPR).

subconscientemente, de forma consistente ou inconsistente) a respeito da constituição básica do mundo” (SIRE, 2012, p. 19). Passadas mais de três décadas, Sire expande seu conceito, incluindo as questões de compromisso e sentimento como ponto de partida, encerrando-o ao mencionar o versículo “pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos poetas de vocês disseram: 'Porque dele também somos geração'.” (At 17.28 NAA):

Cosmovisão é o compromisso, a orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou um conjunto de pressupostos (suposições que podem ser verdadeiras, verdadeiras em parte ou de todo falsas) que mantemos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos (SIRE, 2018, p. 23).

Dentro das diversas cosmovisões existentes, faz-se necessário enfatizar o Teísmo Cristão como a visão de mundo primordial e fundamental para o presente estudo. Ele pode ser definido como uma cosmovisão que sustenta a crença em um Deus pessoal, transcendente e imanente, que criou e governa o universo de forma soberana e intencional. Esse Deus é revelado nas Escrituras, sendo ao mesmo tempo justo e amoroso, oferecendo redenção à humanidade por meio de Jesus Cristo. O Teísmo Cristão compreende que a realidade é composta tanto de uma dimensão material quanto espiritual, e que a história tem um propósito divino, culminando na restauração final de todas as coisas. Essa cosmovisão fundamenta-se na relação entre Deus e o ser humano, em que a ética, a moral e o sentido da vida são orientados pela revelação bíblica e pela obra redentora de Cristo (SIRE, 2018, p. 34).

A influência do Cristianismo na cultura ocidental é evidente, manifestando-se ao longo da história tanto na arte secular, quanto na cristã, refletindo a visão de mundo pessoal de seus autores e o contexto de sua época. Além disso, essas expressões podem ser afetadas por diferentes correntes filosóficas e artísticas, como o Classicismo, Iluminismo, Romantismo, Realismo, Modernismo e Pós-modernismo.

Durante os séculos em que a arte era predominantemente sacralizada, houve uma forte ênfase na representação de figuras icônicas, especialmente personagens bíblicos e santos romanistas. Essa influência pode ser claramente observada nas obras de Michelangelo Buonarroti, como os afrescos no teto da Capela Sistina, que retratam

diversas cenas bíblicas, e nas esculturas de Moisés e Davi, marcadas por uma expressividade e simbolismo religioso daquela sociedade (SCHAEFFER, 2010, p. 28).

Localizado na Catedral de Milão, o afresco “A Última Ceia”, do múltiplo artista Leonardo Da Vinci, retrata um importante registro das Escrituras: o último encontro de Jesus com seus discípulos antes da crucificação, refletindo a interpretação do autor sobre esse momento. Outro exemplo, na pintura “Ecce Homo”, de Antonio Ciseri, Pilatos é representado de costas para o observador, enquanto se dirige ao povo na sacada da Fortaleza Antônia. Jesus é retratado como prisioneiro e, curiosamente, em segundo plano, mais sombreado, realçando a dramaticidade da cena e o distanciamento entre o poder humano e o sacrifício divino (ROOKMAAKER, 2018, p. 208).

Essas obras demonstram diferentes abordagens artísticas sobre eventos registrados nas Escrituras, interpretados à luz da visão de mundo do artista. Entretanto, o fato de temas bíblico-cristãos serem recorrentes em obras artísticas, não significa que estejam representados corretamente em concordância com a cosmovisão teísta cristã e sua hermenêutica (SCHAEFFER, 2018, p. 31).

Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa busca investigar como a cosmovisão teísta bíblica influencia a arte literária cristã e secular, especialmente na literatura de ficção. Pretende-se também compreender como a cosmovisão, presente na arte e cultura, pode se constituir em ferramenta eficaz para fomentar questionamentos morais e éticos, especialmente no contexto contemporâneo, marcado pela pluralidade de visões de mundo, pela desconstrução de valores absolutos e relativização da realidade e da verdade.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, fundamentada na apreciação de obras artísticas e literárias, que expressam a cosmovisão cristã, tanto de forma explícita quanto implícita. A pesquisa envolve a avaliação de como essas obras dialogam com os valores bíblicos, além de investigar de que maneira autores cristãos utilizam técnicas literárias para comunicar princípios teológicos em suas narrativas.

Os aportes teóricos principais estão baseados em autores como James Sire (2012 e 2018), que define cosmovisão como um conjunto de pressuposições fundamentais que moldam a interpretação da realidade, e Hans Rookmaaker (2018), que explora a relação

entre arte, cultura e fé cristã. Além disso, contribuições de Francis Schaeffer (2010) destacam a importância da arte cristã como um meio de expressão de verdades bíblicas. Esses conceitos fornecem a base para compreender como a literatura cristã pode ser uma ferramenta não apenas de expressão artística, mas também de reflexão ética e espiritual, moldando a percepção do leitor acerca de questões morais e existenciais à luz das Escrituras.

1. A PRESENÇA DA COSMOVISÃO NA LITERATURA SECULAR E CRISTÃ

Diversas obras literárias ficcionais seculares demonstram influência significativa no que diz respeito ao uso de elementos cristãos, refletindo valores e princípios teístas, mesmo quando seus autores não se identificam explicitamente como cristãos. Em muitos casos, a cosmovisão teísta é sutilmente incorporada à narrativa, evidenciando-se em temas como moralidade, redenção e ética.

Na opinião de Schaeffer, o artista cristão – inclua-se o autor literário – não necessita se restringir à finalidade evangelística, nem mesmo se concentrar exclusivamente em temas religiosos, considerando que estes podem se tornar completamente não-cristãos (SCHAEFFER, 2010, p. 44). Em outras palavras, temas religiosos não garantem que uma obra de arte seja cristã. A diferença está no comprometimento com Cristo, que transparece na integralidade da vida do artista que é cristão, expressando sua experiência e visão de mundo na obra que produz.

Observe-se ainda que, apesar do Cristianismo oferecer uma gama abrangente de expressões por meio das artes, há uma escassez crescente na produção de obras cristãs significativas, ainda que haja um volume considerável de arte religiosa. Possivelmente pela incompreensão sobre o papel e o valor da arte, bem como as restrições no uso criativo de recursos. A fantasia e a imaginação, longe de serem ameaças, devem ser reconhecidas como valiosas expressões no arsenal criativo dos cristãos.

Existem obras de ficção, cuja construção está em completa consonância com os fundamentos bíblicos, escritas tanto por autores que se declaram cristãos, quanto por não cristãos, que intencionalmente ou não comunicam mensagens cristãs. Os quadros a

seguir ilustram exemplos dessas obras e seus respectivos autores, evidenciando como o Cristianismo permeia tanto a literatura secular quanto a ficção cristã.

Quadro 1 - Influência Do Cristianismo Na Literatura de Ficção

Obra	Autor	Publicação	Local
A Divina Comédia	Dante Alighieri (1265-1321)	Século XIV	Itália
Conto De Natal	Charles Dickens (1812-1870)	1843	Inglaterra
Os Irmãos Karamázov	Fiódor Dostoievski (1821-1881)	1879	Rússia
Esaú e Jacó	Machado de Assis (1839-1908)	1904	Brasil
O Evangelho Segundo Jesus Cristo	José Saramago (1922-2010)	1991	Portugal

Fonte: Autora, 2024.

O quadro acima ilustra a influência do Cristianismo em obras literárias de diferentes épocas e contextos culturais. A obra "A Divina Comédia", de Dante Alighieri, reflete a teologia cristã medieval, dominada pelo romanismo, abordando temas como pecado, redenção e salvação. Esses conceitos são explorados nas três grandes partes da obra: "Inferno", "Purgatório" e "Paraíso", cada uma subdividida em trinta e quatro cantos que narram a jornada espiritual do próprio Dante.

No caso de Charles Dickens, "Um Conto de Natal" conta a história de Ebenezer Scrooge e evoca temas como a caridade, o arrependimento e a transformação moral, elementos centrais da fé cristã, ambientada em um contexto vitoriano. Já Dostoiévski, em "Os Irmãos Karamázov", explora questões sobre fé, moralidade, liberdade e responsabilidade, refletindo debates teológicos do século XIX, na Rússia. Embora faça alusões ao Existencialismo, seu conteúdo expressa a Cosmovisão Teísta (SIRE, 2018, p. 32).

A obra de Machado de Assis, "Esaú e Jacó", faz alusão à história bíblica do Antigo Testamento (Gênesis 27), como uma metáfora para dilemas morais e conflitos vividos pelos gêmeos Pedro e Paulo, um conservador monarquista, outro progressista e republicano, cuja trama se passa no Rio de Janeiro, final do Século XIX. A visão cética, irônica, sem sentido transcendente, pode evocar características da Cosmovisão

Naturalista, surgida no final do Século XVIII, durante o Iluminismo e o avanço do Racionalismo, ganhando força com as ideias evolucionistas de Charles Darwin (SIRE, 2018, p. 94).

A despeito do que possa sugerir o título, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, de José Saramago, busca desconstruir e questionar os elementos centrais da tradição cristã, gerando controvérsia ao reinterpretar a vida de Jesus em desconexão com a Bíblia. Conforme exposto alguns parágrafos antes, um tema religioso não torna uma obra cristã (SCHAEFFER, 2010, p. 44). Nesse exemplo, a alusão à temática cristã assume o sentido de contestá-la e criticá-la, advogando em favor da cosmovisão Pós-modernista (SIRE, 2018, p.255).

Quadro 2 - Princípios Cristãos Na Literatura de Ficção

Obra	Autor	Publicação	Local
Orgulho E Preconceito	Jane Austen (1775-1817)	1813	Inglaterra
Jane Eyre	Charlotte Brontë (1816-1855)	1847	Inglaterra
Phantastes	George MacDonald (1824-1905)	1858	Inglaterra
Alice No País Das Maravilhas	Lewis Carroll (1832-1898)	1865	Inglaterra
Anne De Green Gables	Lucy Maud Montgomery (1874-1972)	1908	Canadá

Fonte: Autora, 2024.

O Quadro 2 apresenta uma seleção de obras ficcionais que, apesar de não serem explicitamente religiosas, carregam princípios cristãos e refletem a cosmovisão Teísta cristã em suas narrativas. Jane Austen, em “Orgulho e Preconceito”, explora temas como a virtude, o caráter e o arrependimento, que encontram ressonância com a ética cristã. “Jane Eyre”, de Charlotte Brontë, destaca-se pelo conflito moral da protagonista, que é permeado por princípios como a integridade e a fé. George MacDonald, em “Phantastes”, combina um fantasia com temas espirituais, frequentemente considerados precursores da ficção cristã moderna.

Charles Lutwidge Dodgson usou o pseudônimo de Lewis Carroll para escrever “Alice no País das Maravilhas”, obra que reflete sua formação e atuação religiosa como

reverendo anglicano, apresentando sutis elementos de moralidade e lógica que podem ser conectados à sua fé cristã. “Anne de Green Gables”, de Lucy Maud Montgomery, trata de temas como bondade, perdão e esperança, oferecendo uma visão positiva da vida em consonância com valores cristãos. Essas obras ilustram como princípios cristãos podem ser incorporados em narrativas que dialogam com públicos amplos, independentemente de uma agenda religiosa explícita.

A arte pode aumentar o impacto de uma cosmovisão. Isso implica em saber distinguir o teor literário (1 Tessalonicenses 5.21), sem a obrigatoriedade de aceitar tudo o que um autor demonstra sobre a visão de mundo em sua obra. Deve-se avaliá-la sob princípios técnicos, validade, conteúdo, adequação da mensagem, considerando que a arte pode ser usada para todo tipo de comunicação (SCHAEFFER, 2010, p. 60).

“O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, de José Saramago, a despeito do que o título aparenta, tem objetivo de chocar e contestar a Bíblia. Nas palavras do próprio autor, “É um romance [...] que se atreve muito, [...] que vai com certeza confundir muita gente, que vai indignar também não pouca gente”. Sua escrita descreve “um Jesus temeroso, um Judas generoso, uma Madalena voluptuosa, um Deus vingativo e um Diabo simpático”². Acabou se tornando o motivo para o autor deixar Portugal e se refugiar na ilha espanhola de Lanzarote.

No outro extremo, estão obras literárias capazes de transmitir mensagens enriquecedoras, caso das alegorias de Lewis, metáforas de Tolkien, ensaios de ficção científica de L’Engle, analogias históricas de Wallace, princípios de vida expostos nas alegorias de Bunyan, todos manifestando uma cosmovisão teísta bíblica em obras do gênero ficção cristã.

O texto literário é a expressão artística de um conhecimento, o *logos*, comunicado por meio de linguagem carregada de significação (POUND, 2006, p. 36). A habilidade do poeta se manifesta na arquitetura linguística, e o conteúdo filosófico revela o pensador por trás do texto e oferece ao leitor as lentes de sua visão de mundo, enquanto molda a linguagem para expressar beleza aos sentidos do leitor (HACK, p.4).

² Site da Fundação José Saramago.
Disponível em <https://www.josesaramago.org/livro/evangelho-segundo-jesus-cristo/>
Acessado em 02 Mai 2024.

Muitos escritores —propositadamente ou não — têm seguido a estratégia das parábolas de Jesus, apresentando o *logos*, a palavra, com criatividade literária, presenteando a humanidade com obras que se revestem de arte e beleza. Concomitantemente, conduzem o leitor à reflexão, ao expressar sua cosmovisão bíblica cristã, desenhada por meio de símbolos e metáforas, que compõem o enredo ficcional.

Quadro 3 - Cosmovisão Teísta na Literatura de Ficção Cristã

Obra	Autor	Publicação	Local
Paraíso Perdido	John Milton (1608-1674)	1667	Inglaterra
O Peregrino	John Bunyan (1628-1688)	1678	Inglaterra
Ben-Hur	Lew Wallace (1827-1905)	1880	EUA
Padre Brown	G.K. Chesterton (1874-1936)	1910-1933	Inglaterra
Crônicas de Nárnia	C.S. Lewis (1898-1963)	1950-1956	Inglaterra
Sangue Sábio	Flannery O'Connor (1925-1974)	1952	EUA
O Senhor Dos Anéis	J.R.R. (1892-1973)	1954	Inglaterra
Uma Dobra No Tempo	Madeleine L'Engle (1918-2007)	1962	EUA

Fonte: a autora (2024)

O Quadro 3 apresenta uma seleção de obras clássicas da literatura de ficção cristã, que demonstram a forte influência da cosmovisão teísta ao longo dos séculos. A partir de "Paraíso Perdido", de John Milton, publicado em 1667, até "Uma Dobra no Tempo", de Madeleine L'Engle, publicado em 1962, observamos como a teologia cristã moldou narrativas literárias com temas de fé, moral e redenção.

John Bunyan, com "O Peregrino", e C.S. Lewis, com "Crônicas de Nárnia", e Lew Wallace, com "Ben-Hur" integram temas cristãos de maneira explícita, enquanto outros, como J.R.R. Tolkien, em "O Senhor dos Anéis", utiliza simbolismos sutis. O quadro também inclui obras que abordam questões teológicas e morais, como "Sangue Sábio", de Flannery O'Connor, e "Ben-Hur", de Lew Wallace, ambas explorando temas de redenção e o papel da fé na vida dos personagens.

As obras de G.K. Chesterton e Flannery O'Connor, por exemplo, exploram dilemas éticos complexos, reforçando o papel transformador da fé. Cada autor, em seu estilo, contribuiu para a criação de universos ficcionais que refletem as tensões e esperanças da jornada cristã. Essas obras demonstram como a arte literária ficcional pode ser útil para expressar os valores e princípios teológicos cristãos, incluindo pessoas religiosamente desinteressadas.

Nas obras “O Silmarillion” (publicado postumamente em 1977), “O Hobbit” (1937) e “O Senhor dos Anéis” (1954), de John Ronald Reuel Tolkien, um dos mais bem afamados autores do Século XX, é possível observar a cosmovisão cristã, retratada na sua forma de expressar a Criação, Queda e Redenção. Diferente das abordagens diretas de outros autores cristãos, Tolkien tece elementos teológicos e morais com fundamentos cristãos em uma narrativa de fantasia épica, sem, no entanto, fazer menções explícitas ao Cristianismo, como será visto adiante.

Lewis foi professor de literatura em Oxford e tornou-se um dos mais conhecidos e respeitados escritores cristãos de ficção literária do Século XX. Ateu durante parte de sua vida, sua convicção religiosa mudou por influência de um amigo, Tolkien. Após um período de meditações e reflexões sobre a Bíblia e o Cristianismo, Lewis abraçou a fé cristã, tornando-se anglicano. Suas obras estão repletas de imaginação bíblica, com profundo teor teológico (DITCHFIELD, 2003, p. 14), ainda que não fosse teólogo formal. “As Crônicas de Nárnia”, publicada em 1950 (LEWIS, 2009, p. 4), apresenta a cosmovisão cristã por meio de alegorias, metáforas e símbolos nos sete livros que compõem a série. Lewis é autor de diversas outras publicações de temática cristã, como “Cristianismo Puro e Simples”, “A Abolição do Homem” e o curioso livro “Cartas de Um Diabo A Seu Aprendiz”, que oferece ao leitor o ponto de vista do mal, audaciosamente invertendo o olhar a que se está acostumado.

Em 19 de setembro de 1876, em vagão de trem rumo a Indianápolis, EUA, Wallace conversou com seu colega Ingersoll (WALLACE, 2016, p. 8) sobre a existência ou não de Deus. Ingersoll questionava ideias centrais da Bíblia, como a imortalidade da alma, divindade de Deus, existência de Céu e Inferno e como pessoas cultas ainda podiam acreditar nas Escrituras.

As questões levantadas fizeram Wallace decidir estudar teologia para formar uma opinião. Ao final de quatro anos, em 1880, Wallace havia escrito o livro “Ben-Hur: A Tale of the Christ” (Ben-Hur: Uma História de Cristo), depois de compreender que Jesus não era meramente um personagem histórico, mas o Filho de Deus encarnado. Ironicamente, Ingersoll, um ateu convicto, havia inspirado a criação de um dos maiores épicos bíblicos, recontado em diversas publicações editoriais há mais de um século.

“Crime e Castigo”, de Dostoiévski, é outra obra influenciada pelo Cristianismo. Trata dos dramas interiores do personagem Raskolnikov, decorrentes da culpa por dois crimes cometidos, um premeditado e outro irrefletido, resultante do primeiro. Questões morais são levantadas, enquanto Raskolnikov tenta se autojustificar, diante de sua habilidade em esconder seus crimes e do remorso que o aflige como uma doença letal. A temática aborda aspectos sensíveis entre certo ou errado, bem ou mal. O castigo jurídico (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 7) pode ser menos assustador para o criminoso do que o castigo moral que a culpa exige (Salmo 19.12 e 32.1-6).

Dostoiévski escreveu “Crime e Castigo” entre 1865 e 1866, em São Petersburgo, capital do Império Russo, no cenário em que se descortinava conflitos entre o ideário burguês e as tradições cristãs católicas ortodoxas expressas na obra. O sobrenome do protagonista vem de um termo comum àquela época, *raskol*, que significa cisma. *Raskolnik* eram os adeptos da seita religiosa que se separou da igreja ortodoxa.

2. ENREDO FICCIONAL E A COSMOVISÃO NA OBRA DE TOLKIEN

A obra de Tolkien evidencia como a cosmovisão cristã de um autor se manifesta em sua criação literária e no universo ficcional por ele concebido, constituindo-se em um bom exemplo para estudo de caso. Desde cedo ele demonstrou interesse por palavras e leitura, incorporando suas experiências de infância na África do Sul e depois na Inglaterra às histórias de seus três permeou sua vida, com influências anglicana e batista dos familiares. Sua infância foi marcada pela perda precoce do pai. De volta à Inglaterra, sua mãe, Mabel Tolkien, abraçou o catolicismo, como expressão de fé, o que gerou oposição familiar, inclusive na ajuda material.

Em meio a dificuldades financeiras, aos 13 anos de idade, Tolkien perdeu a mãe (1904). Esse impacto levou-o a associar a figura materna à fé católica, buscando na religião o consolo espiritual. Em seu testamento, Mabel Tolkien designa o padre Francis Xavier Morgan como tutor de seus filhos, Ronald e Hilary. O padre Morgan tornou-se um grande influenciador da cosmovisão cristã católica de Tolkien (CARPENTER, 2014, p. 518, ebook).

Apesar de não apresentar natureza evangelística ou propósito direto de converter pessoas, a obra de Tolkien retrata seu caráter cristão do início ao fim, sendo constituída por farta simbologia dentro de um universo ficcional detalhado e bem construído, valendo-se de mapas e idiomas próprios, criados por Tolkien, que era filólogo e professor universitário.

Por meio de uma mitologia cuidadosamente construída, ele introduz temas como a luta entre o bem e o mal, o sacrifício, a redenção e a providência divina. O conceito de eucatástrofe³, criado por Tolkien, reflete a crença cristã de que, mesmo diante da tragédia e do sofrimento, o bem triunfa de maneira inesperada, apontando para a esperança final encontrada no Evangelho.

Tolkien soube carregar a linguagem de significação, atento a tudo ao seu redor, refletindo questões da vida e expressando sua cosmovisão cristã com arte e beleza. Sua obra é exemplo de como a Teologia e a Literatura podem dialogar sem perder a essência cristã na composição narrativa ficcional. Suas obras contribuem para a literatura cristã ao mostrar que a ficção não se restringe ao entretenimento, mas pode ser uma metáfora para a jornada espiritual, com verdades bíblicas subjacentes à história, acessíveis a uma ampla audiência, independentemente de suas crenças religiosas.

No livro “A Queda de Númenor” (HACK, 2020, p. 5), Tolkien trata do tema do orgulho, apontando para discussões de ordem humanística e apologética (defesa do cristianismo contra seus detratores). Em “O Silmarillion”, o autor discute temas como determinismo, fatalidade, providência divina, livre arbítrio, corrupção humana e teodiceia

³ “Eucatástrofe” é um termo cunhado por Tolkien e significa “desfecho repentino e alegre” em uma narrativa; desfecho inesperadamente feliz que ocorre no momento de maior crise, proporcionando uma sensação de redenção ou salvação. TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de Fadas**. In: *Árvore e Folha*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 81.

(parte da teologia que trata da justiça de Deus frente ao problema do mal). Na trilogia “O Senhor dos Anéis”, Tolkien se vale do recurso da tipologia para apresentar Aragorn como um tipo de Cristo, cujo ápice é o seu coroamento e exaltação sobre todos os povos.

Seu legado literário, chamado legendário tolkeniano, é apresentado em enredo linear, com três partes de sua cosmovisão bíblica – criação, queda, redenção, – descritos desde o livro “O Silmarillion”, continuando com “O Hobbit” e tendo seu desfecho com “O Senhor dos Anéis”, dividido em três volumes, “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”.

Considerando a Estrutura Aristotélica, a mais fundamental das estruturas narrativas e também a mais compreensível, mais conhecida por Estrutura em Três Atos, pode-se correlacionar os três momentos históricos da Cosmovisão Teísta. Assim, Criação, Queda e Redenção estariam em correspondência com os três atos da Estrutura Aristotélica, Começo, Meio e Fim.

No Ato I, a Criação mostra um mundo criado por Deus. O mal não estava presente na Criação original, porém, havia liberdade, e por essa porta, o mal entrou. Desde o início, a função do ser humano fica clara: glorificar a Deus por meio de sábia e justa administração do mundo criado (Gênesis 1.27), bem como sua jornada de transformação pela obediência, alcançando a semelhança do Criador.

A Queda, constituindo o Ato II, acontece devido à opção pela desobediência do ser humano, com a conseqüente perda do estado original da bondade. Assim, a maldade se integra ao dia a dia, porém não elimina completamente a bondade primeira, que subsiste pela graça divina. A Queda trouxe um estado de separação de Deus, que a Bíblia chama de pecado. As conseqüências da escolha humana atingem também a natureza criada (HACK, 2020, p.11).

Com a Redenção, Ato III, o próprio Deus Filho se faz ser humano para restabelecer a ordem e cumprir o propósito estabelecido desde o princípio, mediante o seu sacrifício, concedendo à humanidade as condições para vencer o pecado e, conseqüentemente, a morte. A natureza, que sofreu as sequelas do pecado, será totalmente restaurada. Não é um retorno ao jardim do Éden, mas uma nova vida numa nova cidade – a Nova Jerusalém – com um jardim no meio (Apocalipse 21 e 22).

A última cena dentro do Ato final da Redenção é chamada de Consumação. Nela se dará a transformação integral do ser humano, a glorificação, momento em que se torna completamente semelhante a Cristo, que lhe proporcionou a Redenção. Nesse desfecho, a natureza também é restaurada, o mal é julgado e eliminado.

Na cosmovisão tolkeniana, o Evangelho oferta o maior e mais completo final concebível, eucatástrofe, termo já definido anteriormente. Nessa perspectiva, o nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do ser humano; a ressurreição, a eucatástrofe da história da encarnação, com uma história que começa e termina em alegria; a eucatástrofe final, o retorno vitorioso de Cristo (HACK, 2020, p. 9).

O estilo literário tolkeniano remete à narrativa e poesia bíblica, semelhante aos Salmos. Referências bíblicas como Êxodo 6.7; 7.5; 1 Reis 20.28; Isaías 45.3; Jeremias 24.7; Ezequiel 6.7,10 [dezenas de vezes em Ezequiel]; Joel 2.27, mostram expressões sobre a soberania de *Iavé* entre os povos. Nas primeiras linhas de “O Silmarillion”, a construção do texto se parece com uma mescla do início do Gênesis e do livro dos Salmos, numa sinfonia da Criação (TOLKIEN, 2019, p. 39).

O mundo de Tolkien é monoteísta e teocêntrico. O início trata da criação majestosa do universo por um Deus Todo-Poderoso e inigualável, denominado por um duplo nome: “Ilúvatar” (que significa “Pai de todos”) e “Eru” (que significa “O Único”) , conforme a criação linguística do autor (HACK, 2020, p. 14).

A mensagem teológica em “O Silmarillion” (HACK, 2020, p. 12) compara a história da redenção humana pelo amor de Deus, com a história da Terra Média. Nessa obra, Tolkien desenvolve a narrativa literária como um mapa explicativo, que percorre uma linha cronológica iniciada em “Do Princípio dos Dias” até “Dos Anéis de Poder e Terceira Era” (TOLKIEN, 2019, p. 10), em analogia ao desenvolvimento das Escrituras Sagradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em essência, pode-se dizer que as mais variadas formas de arte refletem cosmovisões particulares. No contexto ocidental, o Cristianismo tem desempenhado papel significativo em diversas expressões artísticas. No entanto, é essencial que a visão de mundo dos autores cristãos seja consistente e coesa biblicamente, com o objetivo de

promover reflexões de caráter mais aprofundado através de suas obras, e não meramente produzir arte pelo prazer estético ou técnico.

Assim sendo, a formação e o domínio da cosmovisão teísta bíblica são fundamentais no desenvolvimento do autor cristão, moldando a substância de suas obras como transmissoras das Boas Novas de forma coerente e verdadeira, no fazer criativo. Além do valor artístico, essa abordagem propicia que a obra cumpra um propósito maior ajustado ao Evangelho. Esses conceitos também se aplicam a obras do gênero ficcional.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE ESTUDO NOVA ALMEIDA ATUALIZADA (NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira: Principis-Ciranda Cultural, 2020.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Livro digital.

DITCHFIELD, Christin. **Descubra Nárnia: verdades em “As Crônicas de Nárnia de C.S.Lewis”**. Tradução de Hedy Maria Scheffer Silvado. Curitiba: Publicações RBC, 2003.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Título do capítulo. In: DOMINGUES, Gleyds Silva; RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Cosmovisão e Educação: panorama histórico e temático**. Curitiba: Emanuel, 2020.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução e apresentação: Rubens Figueiredo. 4ª reimpressão. São Paulo: Todavia, 2019.

HACK, Jonathan Luís. **Tolkien e a Bíblia**. Pesquisas teológicas no legendário tolkeniano. 18. ed. São Paulo: edição do autor, 2020.

LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

POUND, Ezra. **O ABC da literatura**. Tradução de José Paulo Paes, Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2017.

ROOKMAAKER, Hans R. **O dom criativo**. Tradução de William Campos da Cruz. Brasília: Monergismo, 2018.

SCHAEFFER, Francis A. **A arte e a Bíblia**. Tradução de Fernando Guarany Jr. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante**: cosmovisão como um conceito. Tradução de Paulo Zacharias e Marcelo Herberts. Brasília: Monergismo, 2012. Livro eletrônico.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de Marcelo Herberts. 5. ed. Brasília: Monergismo, 2018. Livro eletrônico.

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis**: a sociedade do anel. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. **O Silmarillion**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de Fadas**. In: *Árvore e Folha*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. Livro eletrônico.

WALLACE, Lew. **Ben-Hur**. São Paulo: Jangada, 2016.